

**LITERATURA E SOCIEDADE  
NA POÉTICA DE CARLOS DJANDRE ROLIM:  
FIGURAÇÕES DO ANDARILHO**

*Maria Tereza M. Rezende* (UEMS)

[mariterezende@hotmail.com](mailto:mariterezende@hotmail.com)

*Eliane Maria de Oliveira Giaccon* (UEMS)

[giaconeliane@uems.br](mailto:giaconeliane@uems.br);

**RESUMO**

Carlos Djandre Rolim é um poeta sul-mato-grossense pouco conhecido, cuja produção textual e fortuna crítica constituíram-se alvo de uma pesquisa com o objetivo de verificar como a crítica tem recebido os seus livros, e por fim, como essas obras podem ser analisadas. Para tanto dois ramos da pesquisa foram abordados: a investigação *in loco* para levantamento da fortuna crítica nas fundações e bibliotecas de Campo Grande; e o desdobramento teórico junto à historiografia literária, desenvolvida no artigo intitulado “O apelo da ruptura de Grotowski no poema de Carlos Djandre Rolim”. Para tanto, optou-se pela seleção de um dos poemas de Djandre que compõe o livro *Poesias Inomináveis* (1996), para análise e estudo da poética que se desenvolve no referido poema e sua relação com Grotowski, teatrólogo polonês, citado pelo poeta na sua produção. A poética de Djandre e sua obra seguem como objeto da pesquisa continuada, porém com uma temática distinta da proposta anteriormente. A nova abordagem temática focalizará a representação, na poética de Djandre, da figura do andarilho, e de como essa representação articula-se em sua expressividade e em suas produções.

**Palavras-chave:** Literatura regional. Poética. Figurações. Andarilho

## **1. Introdução**

O poeta Carlos Djandre Rolim, nascido em Campo Grande, integra a literatura sul-mato-grossense; e sua poética, esquivando-se da estereotipia regional, identifica-se e apresenta tendências literárias mais próximas das vanguardas modernistas e suas tradições, tão singulares e próprias dos movimentos de emancipação do sujeito lírico e social. Esta emancipação identifica-se com o caráter substancialmente mais livre e próximo às propostas de inovação e reorganização das formas tradicionais, estilísticas e conceituais, que exortam à criticidade e ao abandono da ingenuidade que devem caracterizar o sujeito do século XX, conforme postulavam as vanguardas modernistas; e das quais se aproxima a poética de Djandre.

A poética de Djandre é objeto de uma pesquisa que teve em sua

fase inicial como objetivo a formação de um acervo de suas obras e de sua fortuna crítica; e, ao longo deste texto, foram desenvolvidos os resultados dessa fase inicial da pesquisa, abordando as metodologias percorridas para a produção do artigo “O apelo da ruptura de Grotowski no poema de Carlos Djandre Rolim”.

A continuação da pesquisa mantém o objeto, todavia novo recorte temático será utilizado: as figurações do andarilho na poética de Djandre. O desenvolvimento do novo tema terá suporte junto à historiografia literária, o que permitirá o desenvolvimento de análises dos poemas do autor relacionados às figurações do andarilho, bem como dos meios que o poeta utiliza para articular a expressividade e os efeitos de sentido dessas figurações à sua poética.

Essas duas propostas de trabalho estão, também, relacionadas aos conceitos de literatura e sociedade enquanto meios de expressão e reconhecimento da arte e de suas ideologias formadoras; e ao abordar a poética de Djandre por meio desses conceitos, é possível reconhecer em seu sujeito lírico uma ideologia vanguardista que postula a reflexão e a crítica. O sujeito lírico do poeta apresenta-se despido da ingenuidade do lirismo clássico e desconstrói o ideal com a acidez da crítica que desenvolve o sujeito moderno.

A pesquisa inicial desenvolveu-se com a utilização de dois ramos metodológicos: na linha de pesquisa de catalogação acervo/arquivo que orientou o levantamento da fortuna crítica do poeta, dando vistas à recepção do trabalho do autor e levando-se em conta a relativa ocorrência de críticas relacionadas a ele; e o desdobramento teórico com aporte na historiografia literária. Como o levantamento da fortuna crítica indicasse uma reduzida ocorrência, optou-se pelo aprofundamento do estudo teórico de sua poética e por delimitar, a partir desse indicativo, uma abordagem temática voltada para a análise e a crítica literária.

A reduzida ocorrência de críticas, levantadas pela pesquisa de acervo/arquivo, somada ao desenvolvimento teórico, pelo âmbito da historiografia literária, contribuiu para a fecundidade da pesquisa, e permitiu direcionar as abordagens teóricas de forma mais produtiva quando relacionadas às perspectivas temáticas adotadas. A ausência de fortuna crítica permitiu entrever alguns aspectos dessa condição, porque esse dado é um importante indicativo de que as obras do poeta são pouco conhecidas e veiculadas, ou apontam problemas que podem ligar-se, entre outras, a questões de estereotipia regional, que sua obra não possui.

De importância fundamental, os dados levantados por essas pesquisas permitiram compreender que a ausência de informações e de críticas sobre um autor e sua obra dizem muito sobre os padrões instaurados pela sociedade como absolutos; padrões culturais, políticos, sociais, históricos e científicos seguem uma lógica imposta, que restringe o acesso a muitos autores.

Por meio dos estudos, desenvolvidos na fase inicial da pesquisa, foi possível concluir que as obras de Djandre estão inseridas em um contexto social, cultural e econômico que privilegia o tradicionalismo do regional, e do qual, poeticamente, ele se desvincula. Esse fato imprime uma recepção pouco relevante das obras, que fica caracterizada na reduzida ocorrência de fortuna crítica do poeta, comprovadas nas pesquisas in loco.

A partir dessas constatações, optou-se por uma abordagem da obra do autor por meio da análise e da crítica literárias, que permitiram identificar alguns dos caminhos de sua poética, no que diz respeito à reflexão do sujeito e suas formas de expressão individual e coletiva, com a finalidade de se estabelecer um paralelo com conceitos artísticos mais abrangentes.

Delimitada a temática da pesquisa, definiu-se um dos poemas de Djandre publicado no livro *Poesias Inomináveis*, (1996, p. 43.) para uma análise a fim de se estabelecer pontos de contato com o teatrólogo Jerzy Grotowski, citado pelo poeta no referido poema. A análise mostra que o poema possui referências do pensamento de Grotowski com relação ao teatro, às artes e às aplicações de técnicas que revolucionaram as práticas teatrais.

Diante disso, a análise desenvolve-se numa perspectiva conceitual que focaliza a poética do autor; fato que deixa evidenciada a importância de se pesquisar sua produção e submetê-la a análises que possam somar-se aos estudos críticos e literários, e à fortuna crítica da obra do autor, colaborando para disponibilizar materiais que atendam satisfatoriamente ao teor científico da pesquisa, e colabore para adensar os estudos sobre poética ligados ao Estado de Mato Grosso do Sul, sem estar preso ao caráter regional, enfatizando, assim, a diversidade de nossas produções culturais.

A análise compreende um estudo dos conceitos do “teatro pobre”, e de suas aplicações no ato criativo da produção artística teatral e como esses mesmos conceitos influenciaram Djandre no processo criativo do poema analisado. A partir das leituras teóricas de autores que tratam do

estudo tanto das correntes literárias, quanto das correntes históricas, sociais e culturais que tem no sujeito e na sociedade sua relação mais palpável, foi possível optar pelo poema para análise que desenvolve um estudo sobre os influxos do teatrólogo polonês Jerzy Grotowski, criador do “teatro pobre”, no poema em questão, que termina com uma citação que faz referência ao teatrólogo.

Após delimitar a perspectiva teórica de abordagem por meio do conceito de ideologia, faz-se necessário esclarecer que em vista da amplitude do conceito e da diversidade de aplicações efetivas, optou-se pela escolha de uma perspectiva que deu base às explanações sobre o desvínculo do poeta com o estereótipo regional, bem como o esclarecimento das referências contidas no poema; dessa feita, o estudo desenvolve o posicionamento de acordo com a escolha da negação da positividade da ação ideológica; posicionamento este, tomado de Alfredo Bosi que, em um capítulo chamado “Poesia-resistência” escreve que

o papel mais saliente da ideologia é o de cristalizar as divisões da sociedade, fazendo-as passar por naturais; depois, encobrir, pela escola e pela propaganda, o caráter opressivo das barreiras; por último, justificá-las sob nomes vinculantes como Progresso, Ordem, Nação, Desenvolvimento, Segurança, Planificação e até mesmo (por que não?) Revolução. (BOSI, 2000, p. 168)

A ideologia para Bosi nada mais é do que uma forma de dominação, mesmo quando se pensa em libertação. Ela instaura um pensamento que, procura resgatar a “pseudototalidade”, termo que Bosi utiliza para caracterizar a finalidade ideológica, responsável pela falsa consciência.

O desenvolvimento da pesquisa, a partir das delimitações escolhidas, produziu o artigo intitulado “O apelo da ruptura de Grotowski no poema de Carlos Djandre Rolim”. No referido artigo, é a relação entre as libertações individuais que cada um deles propõe, e que se repetem e se diferenciam à medida que se desdobram na manipulação do signo coletivo, e de que forma essas repetições e diferenciações são estabelecidas no ato criativo, constituíram o objetivo do estudo.

A adoção proposital de uma perspectiva que questiona o discurso ideológico e seus conceitos, tendendo à negatividade e resistência da literatura e poesia, confluem para desenvolver a análise, considerando-se o reconhecimento da tradição da ruptura e da inovação tanto no poeta quanto no teatrólogo e que estão propostas nos movimentos vanguardistas do século XX.

A conclusão a que se pôde chegar, uma vez escolhida a perspecti-

va de negação da positividade da ação ideológica, é que o conceito de ideologia é indiscriminadamente utilizado em defesa de qualquer causa que se queira manter, o que, de certa forma, banaliza o conceito porque em algum momento, qualquer segmento ou grupo social pode reconhecer nas causas defendidas por determinado discurso ideológico a sua própria ideologia. A negação da ação ideológica permite entender que mesmo uma “ideologia” de resistência abarca uma totalidade falsa que não penetra os círculos além dela. E o contraideológico passa assim, naturalmente, a constituir um ramo dessa mesma “pseudototalidade”.

A reorganização dos signos e suas semânticas conceituais que surgem da necessidade de um enfoque mais crítico e menos purista do sujeito lírico, estendem-se ao sujeito social e político, e reclamam a “presença”, inerente ao ato criativo que busca a libertação.

A análise permitiu compreender, dentro da perspectiva adotada, como as tradições de negatividade e ruptura aproximam o sujeito lírico do poema ao “teatro pobre” de Grotowski, e como afastam o poeta da estereotipia regional quando o sujeito lírico e sua temática imprimem a heterogeneidade e diversidade no estilo, forma e conceitos que tentam reorganizar a poética.

## **2. Grotowski e o “teatro pobre”**

Grotowski, polonês e diretor de teatro, é expoente significativo da arte do século XX e introduziu formas (re)significadas e de importância substancial aos modos de atuação do teatro experimental e de vanguarda. O “teatro pobre” de Grotowski tende ao ritualístico e prioriza o ator sensivelmente, já que para Grotowski a interação do ator com o espectador é a essência da interpretação. Esse encontro ator/público nada mais é do que um processo de produção que, segundo Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2000), “permeia a obra de arte, e está intrinsecamente ligada ao seu destino comunicativo”. O autor/ator, sua obra e o público a que se destina, estão intimamente relacionados, e são, naturalmente, interdependentes. Assim como no teatro, a literatura, instituída como obra de arte é igualmente constituída desse processo e possui seu “encontro” com o leitor. O processo comunicativo realiza-se na obra, onde o leitor encontrará o autor.

O ato de criação, defendido por Grotowski, deve estar desvinculado do convencional e do arbitrário ligados à sociedade, nessa perspectiva,

a arte alcança desenvolvimento maduro, tão necessário à libertação. Ligado à arte de segregação, que “se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade” (CANDIDO, 2000, p. 21), o teatrólogo propõe novas significações ao sistema simbólico convencional, socialmente instituído; porém, tendo a arte caráter social, uma vez que sofre influxos diretos do meio, essa libertação do ato de criação não poderia estar integralmente desvinculada da sociedade convencional; a inovação de Grotowski rompeu com conceitos fixos sedimentados pela sociedade, mas necessitou desses mesmos conceitos para subverter o tradicional, e atingir essa libertação tão buscada.

Partilhada pelo teatrólogo e pelo poeta, a libertação, inerente às obras e aos recursos comunicativos de expressão e ao abandono das formas tradicionais convencionalmente instituídas, estabelece ponto de contato entre suas produções que comungam, ao menos no que diz respeito às duas criações analisadas, da mesma negação da ação ideológica no que tange à perspectiva escolhida para desenvolvimento da análise crítica e literária.

O paralelo entre o poema de Djandre e a arte de Grotowski, em especial o “teatro pobre” desenvolve-se pelos pontos de contato de caráter ideológico. Todavia, o poeta utiliza-se da reorganização conceitual que o teatrólogo propõe para demonstrar que as práticas inovadoras de Grotowski para a busca da autorrevelação, buscando para isso a naturalização da expressividade, convertem-se no avesso da autorrevelação: a autoanulação.

O poeta, então, faz uma crítica, a essa naturalização de nós mesmos, do coletivo, diante das “técnicas” de dominação social; enquanto Grotowski rompe com a forma de produção tradicional da obra em busca da autorrevelação, utilizando técnicas para naturalização do corpo e da mente na atuação, o coletivo deixa-se manobrar naturalmente por meio de “técnicas” dominantes, imbuídas de pseudovontade – própria, para nos anularmos na hipocrisia.

A naturalização que Grotowski propõe e busca, substancialmente voltada para a libertação da obra, e que nós deveríamos conceber e utilizar para a nossa própria autorrevelação, vem manipulada pelas convenções e tradições fixadas por grupos socialmente dominantes e que estendem esse domínio também às artes, instituindo aquilo que deve ou não

ser reconhecido e veiculado socialmente.

A relação com o coletivo no poema é decorrente das condições sociais que posicionam o eu lírico nesse mesmo coletivo. Se, “a posição social é um aspecto da estrutura da sociedade” e (...) “os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas” Candido (2000, p. 22 e 23), então existe a intenção, mesmo que não explicitada no poema, de fazer sua voz a voz coletiva. Ainda que o eu-lírico não reivindique nenhuma ação do coletivo, nota-se a insatisfação dele para com o coletivo, que naturaliza a manipulação contínua:

Usamos arranjos de um ato escrito por um sujeito  
ordinário, simples, humano  
leal e desleal... uma bomba!  
Somos intérpretes de um pulo rastreado de indolência

(ROLIM, 1996, p. 43)

O rebuscamento da frase coloquial modernista e, o trabalho intenso de rimas e ritmos internos ao poema podem ser comparados à proposta de naturalização performática de Grotowski, uma vez que o dramaturgo também propõe um trabalho estético tão intenso que pareça natural. Neste ponto encontramos a conexão entre a poética de Djandre e a tônica das vanguardas, que abolem as convenções coletivas externas para fundar uma convenção interna ao poema.

### **3. A ambiguidade do avesso de Djandre**

O “avesso” de Djandre é fundamentalmente significativo para a compreensão da naturalização e suas significações. É no avesso das ideologias que se encontram as manipulações dominantes, que de forma tácita se convertem em naturalizações direcionadas para a pseudototalidade invocada por Bosi, e que está criticamente colocada por Djandre em seu poema.

A ambiguidade pode ser reconhecida na escolha pelo vocábulo “avesso”. O poema desvela outro significado com relação à naturalização das ações; a segurança que ela deveria proporcionar por ser tão buscada é dissimulada, e revela a autoanulação quando deveríamos buscar, por intermédio dela a autorrevelação.

Sabotar a si mesmo em nome de uma “pseudototalidade” arbitrária e estar naturalizado com isso, sem sabê-lo, é como não ter o “pasm

essencial” do qual falava Fernando Pessoa, personificado em Alberto Ca-  
eiro, um de seus pseudônimos.

A naturalização buscada pelo teatrólogo polonês para atingir a li-  
bertação converte-se em manipulação indiscriminada, que se coaduna na  
técnica, que para Octavio Paz subtrai a “imagem do mundo”. (PAZ,  
1971, p. 104). É a técnica naturalizada socialmente, no avesso das ideo-  
logias, que Djandre critica e lamenta em seu poema, deixando entrever  
que a ruptura também se constitui em uma tradição que naturalmente  
abrange uma “ideologia”: a negação.

Se essa ruptura converte-se, também, em tradição, é inegável que  
as condições históricas, sociais, materiais, políticas e culturais que tan-  
gem a arte, situem uma discussão mais complexa no que diz respeito ao  
caráter crítico da relação entre arte e sociedade. Isso implica em admitir a  
necessidade de observações mais amplas com relação aos conceitos de  
ideologia e suas aplicações porque, até mesmo o estabelecimento desses  
conceitos está permeado da dinamicidade histórica, intrínseca às condi-  
ções materiais e sociais que determinam ideologias de tradição. Nessa  
perspectiva, podem ser compreendidas as palavras de Terry Eagleton:

Ilusão – a experiência ideológica comum dos homens – é o material com  
que o escritor trabalha; mas ao trabalhá-lo, ele o transforma em algo diferente,  
conferindo-lhe forma e estrutura. É dando à ideologia uma forma determinada,  
fixando-a dentro de certos limites ficcionais, que a arte é capaz de se distanciar  
dela, revelando-nos assim os limites dessa ideologia. Com isso Macherey  
afirma, a arte contribui para nossa libertação da ilusão ideológica. (EAGLE-  
TON, 2011, p. 40)

O avesso da tradição e da continuidade atinge o moderno e im-  
prime a tradição da ruptura, que de qualquer maneira caminha não pela  
recriação das relações sociais, mas pela pluralidade e heterogeneidade  
singular da interrupção. Esta interrupção permeia tanto o poema de  
Djandre quanto a práxis de Grotowski em suas produções artísticas que  
tradicionalmente começam na ruptura.

#### **4. A poética andarilha de Djandre**

Concluída a abordagem inicial da pesquisa, delimitada pelo levanta-  
mento da fortuna crítica e da produção do poeta, o qual se constitui ob-  
jeto da pesquisa, foi possível produzir o já citado artigo: “O apelo da rup-  
tura de Grotowski no poema de Carlos Djandre Rolim”. A partir disso,  
foi possível entrever em sua produção uma fecundidade de abordagens

teóricas quando se opta pelo aprofundamento da pesquisa pelo âmbito da historiografia literária.

Doravante, a pesquisa segue seu desenvolvimento buscando suporte na historiografia literária, conservando o objeto da pesquisa, o poeta Carlos Djandre Rolim; entretanto direcionada para a análise crítica. Essa abordagem é explicitada na continuidade da pesquisa que se volta para a investigação e crítica da produção poética de Djandre.

Nessa perspectiva, a delimitação de novo *corpus* dentro da produção do poeta que, inicialmente, será estudado para finalidades de análise crítica, baseia-se na representação e construção da figura do andarilho e os efeitos de sentido buscados por Djandre em sua produção.

De maneira geral, a representação da figura do andarilho na literatura aparece, geralmente, relacionada a sujeitos anônimos, de errância inerente, que acabam por serem reduzidos a um segmento sempre homogêneo. Essa generalização situa o sujeito “andarilho” fora da subjetividade peculiar do indivíduo, que passa a ser reconhecido como o “mesmo” dentre tantos outros nessa mesma condição.

Ora, essa redução da figura errante do andarilho, bem como da compreensão da imagem que o representa, está longe de ser a mesma para as várias figurações existentes, já que não se podem equiparar subjetividades somente pela condição errante. É a particularidade da representação do andarilho na produção poética de Djandre, e as subjetividades inerentes à construção dos efeitos de sentido que o poeta utiliza para evocação dessa figura errante, que serão priorizadas no desenvolvimento da pesquisa.

A ideia do pensamento em movimento está relacionada de forma subliminar à articulação da figura do andarilho em alguns poemas de Djandre; o ato de “andar” funciona como metáfora da inquietação estética, já que o próprio poema, do ponto de vista da forma, não se circunscreve aos limites de estilo.

Se pensarmos que a condição errante do andarilho está relacionada à literatura e à sociedade desde tempos remotos, conseguiremos compreender porque os limites, físico e formal, encontram-se ligados a ela.

Ulisses, na *Odisseia*, é o andarilho dos mares, que narra suas desventuras, e detalha o caminho de sua volta para Ítaca. A passagem de Ulisses por várias paragens mostra o resgate da memória pelo andarilho; e recentemente, na modernidade, sua figura “andarilha” é retomada no

clássico “Ulisses” de James Joyce.

A descrição poética dos caminhos percorridos pelo sujeito “andarilho” denota a relação física do eu lírico com a expressividade na presentificação da memória. A evocação do andarilho é resgatada, atualizada e expressa por uma memória que está intrinsecamente relacionada à ação física do caminhar. Entretanto, essa relação condiciona os estágios iniciais da poesia, de substancial importância, porque é o momento em que o poeta, na tentativa de apossar-se dos objetos e experiências que encontra em sua peregrinação, pretende nomeá-los, em busca da ressignificação.

Essa ressignificação da realidade é estabelecida num processo de distanciamento que a condição do andarilho permite; ele “flana” pelo caminho, mantendo uma autonomia emocional e intelectual desvinculada de influxos diretos de uma realidade predeterminada.

O significado dos caminhos percorridos será expresso na manipulação das imagens e dos signos que estarão ressignificados pela subjetividade expressiva da figura “viandante”.

O entrelaçamento dos planos de expressão e conteúdo, a partir da figuração do andarilho, e o desenvolvimento criativo que desdobra o signo coletivo pela ressignificação, garantem a compreensão e a fluidez na expressão peregrina; sendo, justamente, o que interessa ao desenvolvimento da pesquisa sobre figurações do andarilho na poética de Djandre.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, D. Poesia sul-mato-grossense contemporânea: tradição e contemporaneidade. In GUERRA, V. M. L; NOLASCO, E. C. *Formas, espaços, tempos: reflexões de linguística e literatura*. Campo Grande: UFMS, 2010.

ARGUELHO, Ana. Apresentação. In: ROLIM, C. D. *Poemas inomináveis*. Campo Grande: UFMS, 1996.

BARBOSA, J. A. A paixão da crítica. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, vol. 44, jan./dez.1983.

BELOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

BRASIL, A. *Teoria e prática da crítica literária*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. *Na sala de aula*. Caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1998.

D'ONOFRIO, S. *Literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

EAGLETON, T. *Ideologia*. Uma introdução. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Boitempo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e crítica literária*. Trad.: Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2011.

GALVÃO, W. N. *As musas sob assédio*: literatura e indústria cultural no Brasil. São Paulo: SENAC, 2005.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

*INFORMATIVO Cultural*, ano 1, 1. ed. abr. 1997. Campo Grande (MS).

JOUBE, V. *A leitura*. Trad.: Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

JOYCE, J. *Ulisses*. Trad. Antônio Houaiss. São Paulo: Civilização Brasileira, [s/d.].

LIMA, L. C. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MELQUIOR, J. G. Situação do escritor. In: MORENO, César Fernández (Org.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MIRANDA, W. M. (Org.). *A trama do arquivo*. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

MOISÉS, M. *A criação literária: poesia*. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

PAZ, O. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. *Los hijos del limo*. 5. ed. Barcelona: Seix Barral, 1998.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- ROLIM, C. D. *Poemas inomináveis*. Campo Grande: UFMS, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Idioma das dalias*. Campo Grande: Sólivros, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Poetizando sonhos*. Campo Grande: Sólivros, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Deslimite da razão*. Campo Grande: Life, 2010.
- ROSENFELD, A. *Texto/contexto: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- SOUZA, A. A. Prefácio. *Poemas inomináveis*. In: ROLIM, C. D. *Poemas inomináveis*. Campo Grande: UFMS, 1996.